



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE TECNOLOGIA**  
**DEPARTAMENTO DE DESIGN**

**GISELLE PAULA VENÂNCIO**

**ENTRE MAPAS E MEMÓRIAS: MATERIALIZANDO LEMBRANÇAS COM  
DESIGN E CARTOGRAFIA SOCIAL**

**FORTALEZA**  
**2024**

GISELLE PAULA VENÂNCIO

ENTRE MAPAS E MEMÓRIAS: MATERIALIZANDO LEMBRANÇAS COM  
DESIGN E CARTOGRAFIA SOCIAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao curso de Design da Universidade Federal  
do Ceará, como requisito parcial à obtenção  
do título de Bacharel em Design.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Alcobia Simões

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

V561e Venâncio, Giselle.

ENTRE MAPAS E MEMÓRIAS: MATERIALIZANDO LEMBRANÇAS COM DESIGN E  
CARTOGRAFIA SOCIAL / Giselle Venâncio. – 2024.

62 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro  
de Tecnologia, Curso de Design, Fortaleza, 2024.

Orientação: Prof. Dr. Paulo Alcobia Simões .

1. Design. 2. Cartografia. 3. Mapas. I. Título.

CDD 658.575

---

GISELLE PAULA VENÂNCIO

ENTRE MAPAS E MEMÓRIAS: MATERIALIZANDO LEMBRANÇAS  
COM DESIGN E CARTOGRAFIA SOCIAL

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Design do  
Departamento de Arquitetura, Urbanismo  
e Design da Universidade Federal do  
Ceará, como requisito final para obtenção  
do título de Bacharel em Design

Orientador: Prof. Dr. Paulo Alcobia Simões

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Paulo Jorge Alcobia Simões (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Diego Enéas Peres Ricca  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profª Roselane Bezerra Gomes  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

## **AGRADECIMENTOS**

Expresso a minha gratidão aos meus pais, Marilene e Francisco, ao meu avô Luiz, que se esforçaram ao máximo para me apoiar ao longo dessa jornada. Ao meu professor orientador Paulo Alcobia, que sempre foi muito solícito e acreditou no meu trabalho, até mesmo quando eu mesma não acreditava e me guiou pelos melhores caminhos, agradeço aos professores Diego Ricca e Roselane Gomes pela sua participação na banca, meu tio Rômulo Zarate e Eliete Zarate, que é a minha inspiração na educação e incentivou a minha permanência na universidade, mostrando a possibilidade minha realidade a partir da educação, a minha psicóloga Carol Merg pelos momentos empáticos de escuta ativa e acompanhamento, ao Guilherme Cavalcante que junto da cachorrinha Lilo estiveram sempre presentes, nos momentos bons e ruins, me dando todo suporte e carinho necessário, também as amigas sinceras que a universidade me possibilitou encontrar e também a todos que de alguma forma tiveram trocas significativas e construíram esse caminho junto comigo.

“Isso de querer ser exatamente aquilo que a gente é ainda vai nos levar além” Paulo Leminski

## RESUMO

Este trabalho explora a interseção entre design e cartografia, destacando a importância do design na representação visual do território. A abordagem concentra-se em compreender não apenas a estética, mas também os contextos políticos e sociais que influenciam o desenvolvimento de mapas. A pesquisa visa investigar a relevância da cartografia como ferramenta para a compreensão e valorização do território, resgatando memórias por meio de investigações e impressões sensíveis, além de considerar a expressão poética e funcional dos mapas. Essa perspectiva posiciona a cartografia como um instrumento fundamental, examinando representações gráficas e sistemas visuais ao longo do tempo. Foram adotados métodos de pesquisa qualitativos, análises do processo de desenvolvimento de mapas e as questões relacionadas ao território. Para complementar essa investigação, foi realizada uma oficina para promover a troca de experiências e ampliar o entendimento sobre a cartografia social e afetiva, culminando no desenvolvimento de mapas que representam a cidade de Fortaleza.

**Palavras-chave:** Design; Cartografia; Mapas.

## **ABSTRACT**

This work explores the intersection between design and cartography, highlighting the importance of design in the visual representation of territory. The approach focuses on understanding not only aesthetics but also the political and social contexts that influence the development of maps. The research aims to investigate the relevance of cartography as a tool for understanding and valuing territory, recovering memories through sensitive investigations and impressions, while also considering the poetic and functional expression of maps. This perspective positions cartography as a fundamental instrument, examining graphic representations and visual systems over time. Qualitative research methods were adopted, including analyses of the map development process and issues related to territory. To complement this investigation, a workshop was conducted to promote the exchange of experiences and broaden the understanding of social and affective cartography, culminating in the development of maps representing the city of Fortaleza.

**Keywords:** Design; Cartography; Maps.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - A ilha de Taprobane (1578) .....	13
<b>Figura 2</b> - Diários gráficos .....	18
<b>Figura 3</b> - Pesquisa de campo em museus .....	19
<b>Figura 4</b> - Oficina cartografia social e afetiva .....	20
<b>Figura 5</b> - Tipos de mapas .....	21
<b>Figura 6</b> - Processo de design .....	24
<b>Figura 7</b> - América Invertida por Joaquin Torres Garcia (1943) .....	27
<b>Figura 8</b> - Mapa Dymaxion de Buckminster Fuller .....	28
<b>Figura 9</b> - Mapa Ammassalik de madeira .....	29
<b>Figura 10</b> - Mapa Ammassalik de madeira com ilhas .....	30
<b>Figura 11</b> - Carta Marinha das Ilhas Marshall .....	31
<b>Figura 12</b> - Mapa de uma viagem Asteca .....	32
<b>Figura 13</b> - Design do metrô subterrâneo de Londres .....	33
<b>Figura 14</b> - Modelo da Teoria da Comunicação adaptado para Cartografia....	34
<b>Figura 15</b> - Mapa turístico do São João de Campina Grande .....	35
<b>Figura 16</b> - Outdoor com exposição do mapa turístico .....	35
<b>Figura 17</b> - Elementos de desenvolvimento de mapas .....	36
<b>Figura 18</b> - Mapa 'Brasília: Cidade Criativa do Design' .....	37
<b>Figura 19</b> - Vila de Nossa Senhora da Assunção (Fortaleza, 1730) .....	38
<b>Figura 20</b> - Mapa "Novus Brasiliae Typus (1604-1612?)" .....	39
<b>Figura 21</b> - Mapa Afetivo do Estado de São Paulo .....	39
<b>Figura 22</b> - Mapa Mundi National Geographic .....	40
<b>Figura 23</b> - Cena do filme Bacurau .....	42
<b>Figura 24</b> - Mapa da cidade de Bacurau .....	43
<b>Figura 25</b> - Carta aos espectadores do filme 'Retratos Fantasmas'.....	44
<b>Figura 26</b> - Mapa sentimental de Recife, Kleber Mendonça Filho .....	45
<b>Figura 27</b> - Mapa sentimental de Belo Horizonte, Minas Gerais .....	45
<b>Figura 28</b> - Página de download do template para criação do mapa afetivo.	46
<b>Figura 29</b> - Obra é o mundo, do artista Caio Luiz (2023) .....	48
<b>Figura 30</b> - Obra é o mundo, do artista Caio Luiz (2023) .....	49
<b>Figura 31</b> - Obra de Leonilson na Pinacoteca do Ceará .....	50
<b>Figura 32</b> - Obra 'Todos os rios levam a sua boca' .....	51
<b>Figura 33</b> - Obra 'Ele me falou sobre o rio e seus afluentes' .....	52
<b>Figura 34</b> - Diário gráfico Leonilson .....	53
<b>Figura 35</b> - Mapa do Centro de Fortaleza .....	54
<b>Figura 36 a 41</b> - Protótipos finais .....	56

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>1.1 Justificativa</b> .....	<b>12</b>
<b>1.2 Objetivos do Projeto</b> .....	<b>16</b>
<b>1.2.1 Objetivo Geral</b> .....	<b>16</b>
<b>1.2.2 Objetivos Específicos</b> .....	<b>17</b>
<b>2. METODOLOGIA</b> .....	<b>18</b>
<b>2.1 Entender</b> .....	<b>18</b>
<b>2.1.1 Pesquisa Bibliográfica</b> .....	<b>18</b>
<b>2.1.2 Mapas Afetivos e Sociais</b> .....	<b>18</b>
<b>2.1.3 Pesquisa de Campo e Diários Gráficos</b> .....	<b>19</b>
<b>2.2 Definir</b> .....	<b>20</b>
<b>2.3 Desenvolver</b> .....	<b>21</b>
<b>3. IMERSÃO - EXPLORANDO A LINGUAGEM DOS MAPAS</b> .....	<b>22</b>
<b>3.1 Cartografia e Design</b> .....	<b>24</b>
<b>3.2 Abordagens Não Convencionais no Design de Mapas</b> .....	<b>27</b>
<b>3.3 Design de Mapas no Fomento do Turismo</b> .....	<b>33</b>
<b>4. ANÁLISE DE CONTEXTO</b> .....	<b>36</b>
<b>5. CARTOGRAFIA SOCIAL E AFETIVA</b> .....	<b>41</b>
<b>6. ENTRE MAPAS E PELÍCULAS</b> .....	<b>47</b>
<b>7. CAMINHAR, DESENHAR E MAPEAR</b> .....	<b>53</b>
<b>8. DIÁRIOS GRÁFICOS</b> .....	<b>56</b>
<b>9 MEMORIAL DESCRITIVO</b> .....	<b>57</b>
<b>9.1 Ponto de Partida</b> .....	<b>57</b>
<b>9.2 Conceituação</b> .....	<b>58</b>
<b>9.3 Resultados</b> .....	<b>59</b>
<b>10. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>60</b>
<b>11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>61</b>

## 1. Introdução

O Design sempre esteve atento a questões artísticas e políticas, isto é, ao trabalhar com questões de design, é pertinente considerar não apenas sua função estética, mas também os contextos políticos e sociais vivenciados no dia a dia. Nas palavras de Ruben Pater, em Políticas do Design, o autor afirma que não é possível separar o design da vida pessoal, da mesma maneira que não é possível separar o design de política. Para além das recentes evoluções nas práticas de mercado, os profissionais do design também manifestam um interesse cada vez mais crescente em sua responsabilidade social e engajamento político. É percebido um interesse crescente em direcionar o olhar para a função social do design, percebendo sua relevância e impacto no contexto atual, surge o campo do design social, definido por Pazmino (2007) como design voltado para a sociedade. Sob uma perspectiva do design social, a autora faz uma reflexão sobre a importância do design junto de sua responsabilidade e função social, a partir desse cenário social e de relações subjetivas, desdobra-se a intenção de explorar a relevância da cartografia como uma ferramenta essencial para compreensão e informação, e que ao integrar-se ao design, se configura como um recurso capaz de impulsionar a compreensão e valorização do território e seus espaços de vivência, com a intenção de resgatar memórias que atravessam o tempo a partir de investigações e impressões sensíveis do mundo representadas em mapas.

Alinhando-se à visão de Bonfim (2013) Encontrar a expressão poética nos espaços urbanos é um mergulho na subjetividade de cada indivíduo, revelada através de suas memórias e experiências de ir e vir na cidade. Assim, este estudo busca explorar as interseções entre o design e a cartografia, proporcionando uma perspectiva enriquecedora sobre a cartografia como instrumento fundamental nesse contexto, com o propósito de compreender mais profundamente, a partir de vivências pessoais em cidades, resgatando memórias, realizando pesquisas bibliográficas e catalogação. A intenção é buscar identificar elementos em mapas científicos, sociais ou afetivos, com o objetivo de fornecer informações relevantes para a elaboração de um mapa em um contexto de proximidade, permitindo que cada indivíduo possa criar mapas

de acordo com sua própria abordagem e necessidades. Essa abordagem visa não apenas compreender, mas também registrar, traduzir, apresentar, valorizar e enriquecer a percepção da representação e da vivência no território, adotando uma perspectiva centrada no Design.

## **1.1 Justificativa**

Para mim, o direito à memória, cultura e informação desempenham um papel crucial na busca por uma democratização efetiva. Com uma visão pessoal e política, valores coletivos tornam-se inegociáveis. Adotando uma perspectiva Freiriana, a imparcialidade é inexistente, pois todos carregamos uma base ideológica que se materializa constantemente no ato de criação e construção de artefatos. Sempre achei mapas dispositivos interessantes, mesmo antes de iniciar o curso de design, desde a infância, explorando atlas escolares, até a prática de colecionar mapas turísticos durante minhas viagens, guardando-os como colecionáveis que remetem a boas lembranças e relevantes elementos gráficos para meu repertório.

Diante disso, pensando sobre função social dentro da minha realidade e alcance quanto estudante, foi assumida uma conduta política, que acredita na importância de um conhecimento circular onde é possível aprender e ensinar. Este estudo se concentra na compreensão da comunicação cartográfica, explorando as representações gráficas, os sistemas de comunicação visual presentes na cartografia e no desenvolvimento de mapas científicos e sociais, abordando seus princípios teóricos e metodológicos, através das características interdisciplinares do design, com o objetivo de proporcionar uma maior visibilidade e compreensão desses artefatos, destacando sua relação com o design e, simultaneamente, enfatizando o direito à memória e o pertencimento ao território.

Além disso, o estudo visa materializar, por meio de imagens, lembranças cotidianas compartilhadas com outros fortalezenses, através de mapas afetivos

e sociais da cidade, com abordagens mais inclusivas na representação visual de mapas e territórios, ao adaptar e traduzir conhecimentos acadêmicos obtidos durante a pesquisa para contribuir para outros campos do conhecimento, utilizando uma linguagem visual acessível como forma de devolutiva pelo conhecimento adquirido. Para falar de mapas, é imprescindível falar de imaginários. Segundo Mendes (2016), o imaginário é uma cultura difundida que, transcende o espaço físico, exercendo influência simbólica mesmo antes de ser testemunhado diretamente, o mapa exerce uma influência significativa na percepção e compreensão do território, pois não se limitam à sua existência física; eles desempenham um papel fundamental no repertório imagético de lugares. Essa influência molda a maneira como as pessoas imaginam e se conectam com os locais, mesmo antes de vivenciá-los pessoalmente. Além disso, (Maffesoli, 2008) Observa que “não é a imagem que produz o imaginário, mas o contrário. A existência de um imaginário determina a existência de um conjunto de imagens. A imagem não é o suporte, mas o resultado”

Uma imagem, como um artefato cultural precisa ser construída e significada, precisa ser fixada em discurso (oral, visual, sonoro etc). É o que faz das obras artísticas, por exemplo, documentos privilegiados no estudo do imaginário, pois garante que se passe do conteúdo à forma. Assim, o pergaminho, os selos, os mapas, por exemplo, falam também de uma “imaginação da cultura” ou de uma “imaginação do poder” através da qual se revelam os objetos e as visões de mundo do que tem valor e sentido para uma determinada sociedade. (Mendes, 2016)

Com um conteúdo vasto sobre como esse imaginário está presente em cartografias de lugares e não lugares, Umberto Eco, em *Histórias de Terras e Lugares Lendários*, aborda utopias e relatos que existem numa linha tênue entre o real e o imaginário. O autor explora como a presença de narrativas sobre lugares existentes ou não-lugares que são repetidas sucessivamente, criando um imaginário coletivo, que após perpetuado por anos, esse imaginário serve de plano de fundo para a solidificação de folclores e culturas. Além disso, o autor afirma que, de tão falados, esses locais acabam se transformando em atrações turísticas, desenvolvendo também uma importância econômica para os locais citados.

Umberto também enfatiza como mapas têm uma longa presença nas diversas civilizações que procuravam representar visualmente suas relações espaciais. No entanto, por restrições de recursos e ferramentas, (Eco, 2013), afirma que a representação simbólica contava mais do que a representação empírica, que resulta em mapas com elementos do realismo fantástico, presentes no contexto da época, como apresentado na seguinte figura, onde de maneira lúdica, são ilustrados mares perigosos por meio de fabulações.

**Figura 1 - A ilha de Taprobane (1578)**



**Fonte:** Gerardus Mercator. História das terras e lugares lendários, Umberto Eco (2013)

Otherwise, medieval journeys were imaginary. The Middle Ages produced encyclopedias, *imagines mundi* that mainly sought to satisfy a taste for the marvellous, telling of distant and inaccessible countries, and these books were all written by people who had never seen the places they talked about, because in those days the power of tradition counted for more than experience. A map was not intended to represent the shape of the Earth but to list the cities and the peoples you could come across. Again, symbolic representation counted for more than empirical representation. In the map *Rudimentum novitiorum* of 1475, the illuminator was more concerned about showing Jerusalem at the centre of the Earth than how to get there. And all this when maps from the same period already represented Italy and the Mediterranean rather well. One final consideration: medieval maps had no scientific function, but were a response to a demand for the fabulous from the public. (Uberto, 2013, p. 21)

No contexto da cartografia, segundo Sunagawa e Filho (2015) o design se faz presente em pensar os aspectos funcionais dos mapas atuais. Tendo em vista que a importância estética ainda se faz presente, mas a funcionalidade da comunicação se ampliou. Nesse sentido, o design desempenha não apenas o papel pensar *layouts* e representações visuais harmoniosas, mas também a funcionalidade do artefato e sua capacidade de transmissão de informação ao usuário.

Explorando o papel vital indispensável comunicação visual em produtos cartográficos, no texto de Ricardo Fiori (2020), é enfatizada a importância da comunicação visual em produtos cartográficos. Ele destaca que nossa capacidade de ver envolve tanto aspectos fisiológicos quanto sociais, já que o ato de ver é influenciado pelo conhecimento prévio, através de experiências e identidade individual de cada indivíduo.

A maior parte dos produtos cartográficos faz uso da comunicação visual (havendo exceções, como, por exemplo, os mapas táteis), sendo que o ato perceptivo se estabelece por meio da interação entre o estímulo do entorno físico (fisiológico, o olhar) e o estímulo social (ver é resultado do saber, experiências vividas, formação de identidade individual/grupo - o que é, o que significa). A junção desses estímulos possibilita criar imagens que substituem o elemento real ao serem representadas graficamente por meio do signo, o qual sempre representa outro: o seu objeto. (Fiori, 2020)

Acrescentando a visão proposta por Bonfim (2010) destaca que mapas são objetos triviais, sendo expressões e representações do cotidiano, que tem como função oferecer instruções, e assim como metáforas, ao serem usados repetidamente durante um longo período, podem se transformar numa descrição literal.

Esses objetos, segundo Lima e Reis Júnior (2011), passaram a ser usados como elementos gráficos que traduzem a realidade através de informações estáticas, criando uma margem para o pensamento de design e contribuindo para uma compreensão na interpretação e transmissão de informações dos

espaços de vivência, além de dispor informações para a construção de mapas afetivos e da cartografia social, pois ao investigar e revistar os centros de memória, é também reafirmar sua significância no patrimônio cultural e social junto de seu papel na sociedade, especialmente no contexto do acesso à informação. Portanto, a finalidade de dispor e catalogar de forma acessível metodologias para o desenvolvimento de mapas é mostrar que esse conhecimento construído de forma a parecer distante tem maior relação com as vivências cotidianas do que é compartilhado, pode ser partilhado e popularizado.

Devido ao aumento no volume e na velocidade de transmissão dessas informações, a sociedade da informação convive com o fenômeno do esquecimento. E isso se torna preocupação ao tratarmos de preservação do patrimônio cultural. Por esse motivo, também devemos entender que a preservação das informações contidas nos diferentes suportes é vista como uma necessidade, já que devemos resguardar o passado, no intuito de entender o presente e fazer prospecções ao futuro com base nas experiências vivenciadas anteriormente. (Mendes *et al.*, 2010)

Diante disso, ao explorar mapas e memórias cartográficas, esse estudo destaca relevância da comunicação visual em mapas e sua importância no entendimento e uma formação da sociedade e seus espaços de vivência, destacando as inúmeras possibilidades relacionadas ao assunto e seu potencial transformador na construção de um entendimento mais amplo e democrático do espaço que compartilhamos.

## **1.2 Objetivos do projeto**

### **Objetivo Geral**

Aprofundar-se na compreensão da cartografia, por meio da interseção com o design, buscando explorar as diversas camadas de significado presentes nos mapas, não apenas como representações de uma superfície, mas como instrumentos capazes de resgatar e valorizar o território.

## **Objetivo Específico**

- Catalogar, classificar e analisar uma variedade de mapas identificados durante a pesquisa, explorando suas representações e compreendendo os significados por trás de cada uma delas.
- Entender a construção e a aplicação de mapas afetivos e sociais, com base na revisão bibliográfica e nas metodologias propostas por Zulmira Bomfim, para identificar e compreender as diversas possibilidades de representação cartográfica.
- Desenvolver e implementar uma oficina de design no Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Design, com o objetivo de aplicar os métodos de cartografia afetiva e social estudados, visando a criação de mapas individuais e coletivos que representam os espaços de vivência dos participantes.
- Para desenvolver um mapa afetivo que representa a vivência pessoal no centro de Fortaleza, capturando memórias, sensações e conexões emocionais que cada local desperta.

## **2. METODOLOGIA**

Neste trabalho, a abordagem foi guiada pela multidisciplinaridade do design, e o processo metodológico foi dividido em etapas principais, que são: Pesquisa Bibliográfica, Pesquisa de campo, diários gráficos, entrevista semi-estruturada, uma oficina e um mapa como entregável, conduzidas de forma qualitativa e exploratória, para organizar essas etapas, foi escolhida uma adaptação do método Double Diamond, desenvolvido pelo British Design Council em 2004, visando mapear as fases de expansão e convergência no processo de design. Representado por dois diamantes. Essa metodologia foi escolhida por sua flexibilidade e adaptabilidade a diversos projetos. O processo começa com uma fase de exploração expansiva e, em seguida, direciona-se para ações específicas através de um afunilamento de processos, organizando o desenvolvimento do projeto de maneira estruturada. Baseando-se nisso, os seguintes passos foram delimitados para alinhar-se à proposta do trabalho.

## **2.1 Entender**

### **Etapa 1: Pesquisa Bibliográfica**

A primeira etapa do estudo consistiu em uma revisão bibliográfica, abrangendo aspectos da linguagem dos mapas, incluindo sua construção, finalidade, funções políticas e sociais. Além disso, foram investigados exemplos de mapas não convencionais, visando proporcionar uma compreensão abrangente das diversas possibilidades de representação cartográfica.

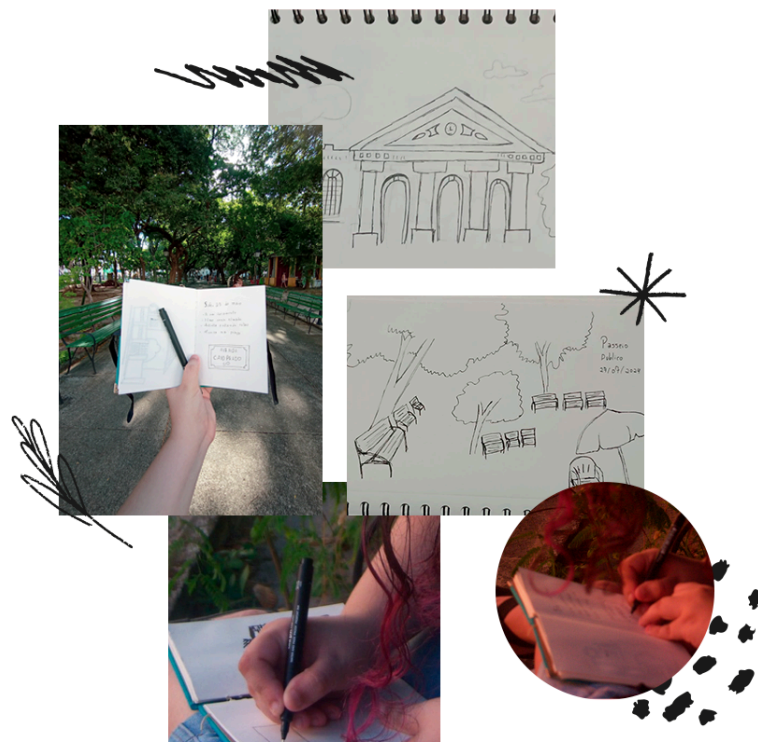
### **Etapa 2: Mapas Afetivos e Sociais**

A segunda etapa envolveu uma pesquisa bibliográfica focada na compreensão e construção de mapas afetivos, fundamentada nos métodos propostos pela professora Zulmira Bomfim

### **Etapa 3: Pesquisa de Campo e Diários Gráficos**

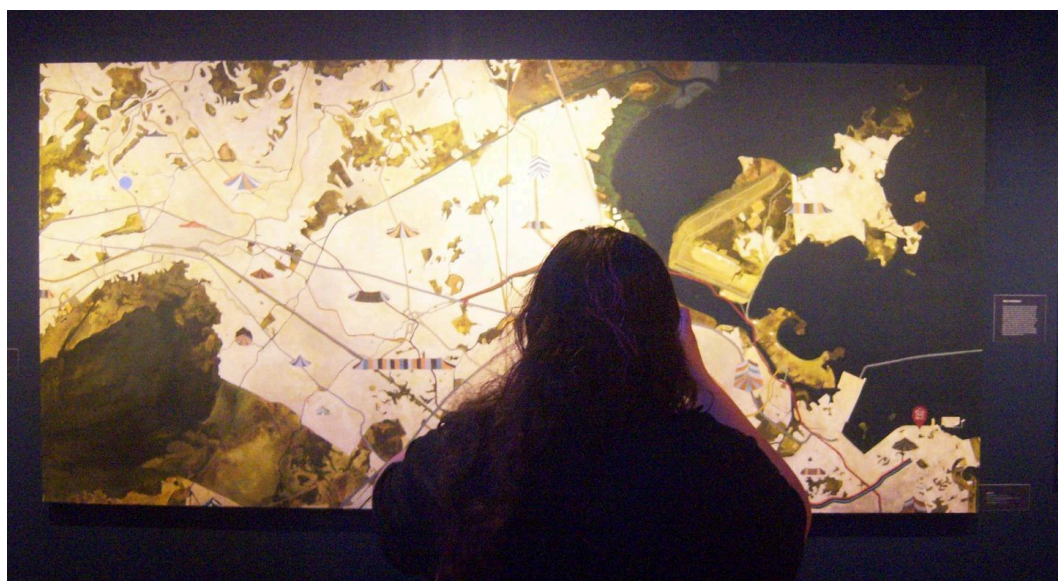
Nesta etapa, foram utilizados diários gráficos para registrar observações e reflexões durante a pesquisa de campo. Além disso, foi adotada uma abordagem etnográfica, que incluiu pesquisa de campo, visitas e entrevistas semi estruturadas com pesquisadores do curso de História da Universidade Estadual do Ceará e frequentadores do espaço em questão. Conforme Manzini (1990/1991, p. 154), essas entrevistas são estruturadas com um roteiro, mas oferecem flexibilidade para que questões relevantes surjam durante o diálogo, permitindo insights não planejados que enriquecem a coleta de dados.

**Figura 2 - Diários gráficos**



**Fonte:** Acervo da Autora

**Figura 3 - Pesquisa de campo em museus**



**Fonte:** Acervo da Autora

## 2. 3 Definir

### Etapa 4: Desenvolvimento e Aplicação de Metodologia

Esta fase ocorreu no Departamento de Design e envolveu alunos de diversos cursos. Foi realizada uma oficina com o objetivo de aplicar o método estudado e disseminar o conhecimento sobre os mapas afetivos. A oficina apresentou conceitos de cartografia, mapas sociais e afetivos, permitindo que os participantes se familiarizassem com a linguagem cartográfica sob uma perspectiva social. Os participantes tiveram a oportunidade de criar seus próprios mapas utilizando os métodos citados anteriormente, mas também para estabelecer uma conexão mais profunda com o território e a linguagem dos mapas. O objetivo foi promover o reconhecimento e a valorização dos espaços de vivência coletiva.

**Figura 4** - Oficina cartografia social e afetiva



**Fonte:** Autora

## 2. 2 Desenvolver

### Etapa 5: Materialização do Mapa

A última etapa consistiu na materialização do mapa físico e impresso, abrangendo o centro de Fortaleza, destacando os lugares de afeto. Esta etapa envolveu a aplicação prática dos dados e metodologias discutidas anteriormente, culminando na elaboração do mapa que representa a área estudada.

**Tabela 1 – Cronograma de execução**

Atividades	Set/Out	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Mai	Junho	Julho	Agosto	Set/23
Pesquisa Bibliográfica	X	X	X					X	X	X		
Análise Crítica			X									
Pesquisa de Campo e Diários Gráficos								X	X			
Entrevistas Semi-Estruturadas											X	
Oficina										X		
Materialização do Mapa												X

**Fonte:** Elaborado pela autora.

### 3. IMERSÃO - EXPLORANDO A LINGUAGEM DOS MAPAS

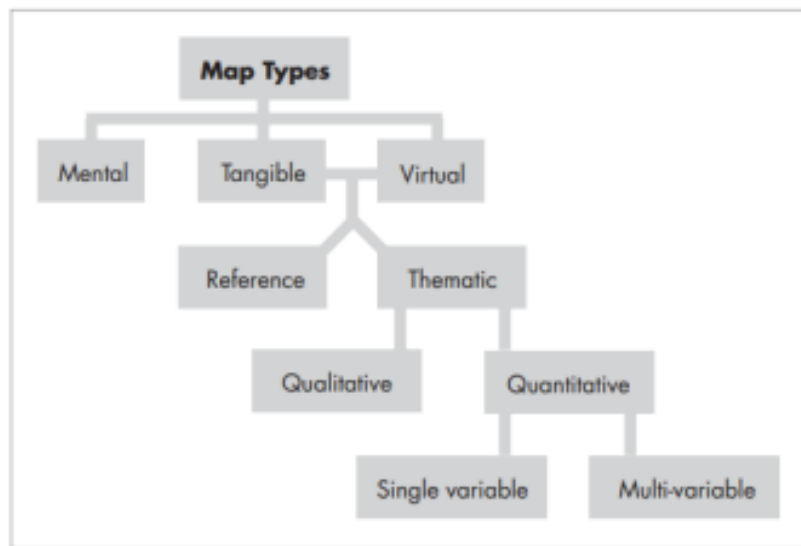
Segundo a *International Cartographic Association* (1995) um mapa é uma representação simbólica do espaço geográfico, criada através de escolhas criativas do cartógrafo, e projetada para ser utilizada quando as relações espaciais são de importância central.

A cartografia é definida como sendo disciplina que envolve a arte, a ciência e a tecnologia de construção e uso de mapas, favorece a criação e manipulação de representações geoespaciais visuais ou virtuais, permite a exploração, análise, compreensão e comunicação de informações sobre aquele recorte espacial. (Meneguette, 2012)

No texto *Uma História da Arte de Mapear*, (Cardoni; Sampaio 1997), a cartografia é caracterizada como uma ciência pela base teórica que a acompanha e para garantir que a representação gráfica proposta tenha a exatidão necessária, é técnica pelas metodologias e processos tradicionalmente estudados e aplicados, mas além disso, tem um referencial artístico para representar com harmonia e clareza o objetivo pré-definido. A representação de uma superfície esférica em uma superfície plana, recebe a denominação de projeção cartográfica, e cartografia, portanto, é a arte e ciência de representar graficamente uma área geográfica em uma superfície plana, como em um mapa ou gráfico.

The idea that there is an art to cartography suggests that its practice as a profession involves more than the mere learning of a set of well established rules and conventions. The art in cartography is the cartographer's ability to synthesize the various ingredients involved in the abstraction process into an organized whole that facilitates the communication of ideas. (Borden D. Dent et al., 2010)

**Figura 5 – Tipos de mapas**



Fonte – CARTOGRAPHY, Thematic Map Design (2009)

Todos os mapas são uma abstração do mundo, elaborada sempre a partir de algum ponto de vista. Na história das representações espaciais, os mapas começaram, não por acaso, como ficção, um meio de se pensar o mundo a partir da crença e dos mitos, e não a partir da geografia. (Acselrad et al., 2008)

Os mapas estiveram presentes desde o início das civilizações e foram evoluindo a partir do progresso da tecnologia, de forma que a interação com esses artefatos passou desde pesquisas em grandes atlas até pequenos *Gadgets*, sendo representações gráficas que apresentam informações sobre disposições espaciais em territórios, características naturais e culturais, usando símbolos, signos e escalas para facilitar a compreensão, caracterizando-se como forma de comunicação, desenhar e comunicar através de mapas é uma prática longínqua, segundo Henri Acselrad no livro "Cartografias Sociais e Territórios" (Acselrad et al., 2008), os mapas evoluíram junto com o progresso das civilizações. Inicialmente, usados para descrever territórios, ao longo do tempo, passaram a influenciar a ocupação, resultando na criação de divisões sociais, políticas e territoriais.

O mapa era, frequentemente, a representação gráfica de um exercício da imaginação. Era pouco o que se sabia do mundo; as lacunas do conhecimento eram preenchidas com legendas do tipo "Aqui existem monstros". Mas com as navegações, primeiro, e com os avanços da tecnologia, depois, a cartografia tornou-se uma atividade científica e praticamente despida de encantos mágicos. (SCLIAR, Moacyr. *Folha de S.Paulo*, 2004.)

Além disso, o processo de construção de mapas passa por diversas informações, que vão desde artístico, cultural, até técnicos e econômicos. Existem vários tipos de mapas, cada um projetado para atender a diferentes necessidades e finalidades. Alguns dos principais tipos de mapas incluem: mapas geológicos, mapas mentais, mapas demográficos outros diversos tipos de informações que podem ser representadas cartograficamente, entretanto, esse trabalho aborda com maior ênfase mapas gerais, mapas temáticos e mapas sociais e afetivos, que segundo (Delazari 2004), mapas de propósito geral tem a função de mostrar características em uma área, enquanto os mapas temáticos destacam atributos específicos. Os mapas temáticos servem para fornecer detalhes sobre locais, apresentar padrões espaciais e possibilitar comparações entre diferentes mapas, cada um projetado para representar diferentes variáveis cartográficas.

Todos os mapas são uma abstração do mundo, elaborada sempre a partir de algum ponto de vista. Na história das representações espaciais, os mapas começaram, não por acaso, como ficção, um meio de se pensar o mundo a partir da crença e dos mitos, e não a partir da geografia. (Acselrad et al., 2008)

No entanto, o processo de desenvolvimento de mapas não é imparcial. Além da complexidade de representar territórios com precisão, seu uso estava vinculado frequentemente à busca de vantagens em questões políticas e territoriais, com base na análise conceitual de Ruben Pater (2020), apresentada em sua obra *Políticas do Design*, é perceptível que o design não pode ser considerado neutro, esta observação é igualmente aplicável à criação de mapas, uma vez que cada elemento visual contido nesses artefatos possui a capacidade de comunicar uma mensagem específica, segundo Pater, a decisão do designer pode influenciar diretamente o processo de entendimento do mapa quanto artefato de compreensão e leitura, como por exemplo, escolhas do que omitir ou não pode

sugerir que a área não é de grande interesse, enquanto acrescentar detalhes e outras informações indica que a área é privilegiada.

Os mapas não se tratam de retratos fiéis da realidade, funcionando como representações simplificadas do globo terrestre. A omissão de alguns nomes de cidades na criação de mapas, por exemplo, pode sugerir que o território teria supostamente menor valor, não sendo digno de interesse. A cartografia é uma prática de design antiga, embora sua versão moderna tenha sido desenvolvida em diálogo com o colonialismo europeu. Nesta perspectiva, mapas foram criados não apenas para facilitar as navegações, mas também para mapear territórios e legitimar a conquista de “novos” espaços. (PATER, 2020, p. 45)

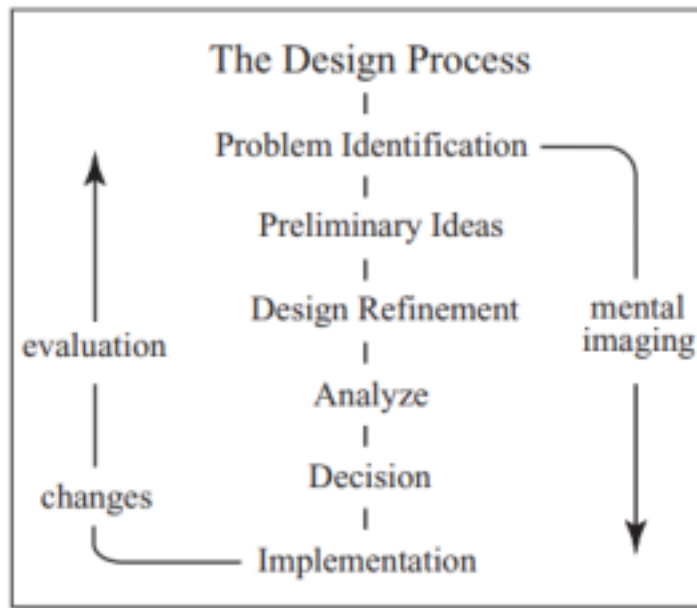
### **3.1 Cartografia e design**

Um mapa é uma maneira de comunicação e localização, que combina elementos visuais, cores e formas, com informações textuais, como títulos e legendas. Juntos formam a linguagem cartográfica, transmitindo informações sobre lugares e objetos.

Todos os mapas são uma abstração do mundo, elaborada sempre a partir de algum ponto de vista. Na história das representações espaciais, os mapas começaram, não por acaso, como ficção, um meio de se pensar o mundo a partir da crença e dos mitos, e não a partir da geografia. (ACSELRAD, Henri 2008)

De acordo com as considerações de Mark Denil (2022) mapas são artefatos antes de se tornarem representações cartográficas. Denil destaca que um mapa é, em sua essência, um artefato que desempenha o papel de mediador em processos de comunicação. O autor reforça que o reconhecimento é um elemento crucial na identificação que caracteriza um mapa, pois o design do mapa é fundamental para mostrar aos usuários do que se trata. Se o mapa não é reconhecido, ele não cumpre sua função. O usuário precisa perceber que o artefato tem o potencial de ser um mapa, e isso depende da maneira como o mapa foi concebido. Diante disso, é fundamental atender às necessidades do usuário, buscando uma comunicação clara e acessível.

**Figura 6** – Processo de design



**Fonte:** Cartography: Thematic map design (Borden D. Dent *et al.*, 2010)

Pela característica interdisciplinar do design, é comum observar outras áreas fazendo uso de suas metodologias e processos, segundo o autor, o processo de desenvolvimento de mapas, como qualquer outro projeto de design, faz uso de metodologias projetuais, como no diagrama da figura 5, com a finalidade de proporcionar uma estrutura organizada para o desenvolvimento de projetos.

Segundo, Dodge, Kitchin e Perkins (2011) o cartógrafo tem uma boa noção de quem será o usuário principal de seu mapa. Muitas vezes, pessoas que não faziam parte do público-alvo original acabam utilizando o mapa, o que destaca ainda mais a importância do design, diante disso, diretrizes projetuais foram estabelecidas, sendo elas:

Southworth and Southworth (1982), for example, list these design characteristics of successful maps:

1. A map should be suited to the needs of its users.
2. A map should be easy to use.
3. Maps should be accurate, presenting information without error, distortions, or misrepresentation.

4. The language of the map should relate to the elements or qualities represented.
  5. A map should be clear, legible, and attractive.
  6. Many maps would ideally permit interaction with the user, allowing change, updating, or personalization.
- (Dodge, Kitchin e Perkins, 2011)

Segundo (Dastrup 2015), além de dispor de cores e símbolos de forma eficiente, um mapa bem elaborado ampliará consideravelmente sua capacidade de informar o usuário. Uma boa escolha de elementos cartográficos junto com princípios de design, levará à criação de mapas que aprimoram a comunicação e facilitam a interpretação pelo usuário. Isso garante que a informação seja transmitida eficientemente, cumprindo a função de design ao estabelecer uma completa comunicação entre o artefato e o usuário.

We can recognize a good map because we have seen good maps before. If a lion drew maps, we would not know them to be maps. (Denil, 2022)

Conforme destacado por Dodge, Kitchin e Perkins (2011) em *Introductory Essay: Cartographic Aesthetics and Map Design*, destacam os princípios de Keates quanto pensador da cartografia, dos quais ressaltam a importância da arte como componente na criação de mapas. No seu processo de design, destaca-se um ponto crucial em que as decisões de design passam de ideias gerais para algo mais específico. Nesse momento, o designer busca não apenas comunicar informações, mas também representar o mapa de maneira esteticamente agradável. Pois cada problema no desenvolvimento de mapas é único, suas soluções não podem ser previamente determinadas por fórmulas rígidas. A habilidade do designer de mapas ou cartógrafo é organizar todas as variáveis no processo de abstração, pois segundo o autor, isso é o que define sua aptidão com o desenvolvimento de mapas. Além disso, é reafirmada a importância de considerar o nível de entendimento do leitor ao simplificar a complexidade e despertar seu interesse, e essas habilidades são adquiridas por meio de aprendizado e experiência.

Conforme mencionado por Dodge, Kitchin e Perkins (2011) a qualidade estética é um fator determinante no mapa, retratada pelo seu design e layout, as

informações fornecidas pelo cartógrafo são diversas e complexas, e representá-las de maneira clara, precisa, legível e esteticamente agradável apresenta desafios. O processo de criação de mapas envolve aspectos científicos, mas também é considerado um trabalho de design.

No surprise then that cartography has often been called both a science and an art. A map is something that is crafted using scientific principles, which aims not only to faithfully represent the spatial relations of the world, but also to be aesthetically pleasing. Balancing these concerns is not straightforward and much research has been conducted to find map design principles that enhance both the communication and look of maps. (Dodge, Kitchin e Perkins, 2011)

O termo "designer cartográfico" foi proposto pelo autor e permanece como parte integrante de sua abordagem, onde o mesmo explica que o designer cartógrafo busca uma organização harmoniosa para os elementos gráficos no mapa, visando uma transferência eficiente de conhecimento, e após definir objetivos de comunicação, o cartógrafo analisa o público-alvo e planeja cada elemento para criar uma totalidade visual estruturada que atenda ao propósito do mapa. Pois o design cartográfico é uma atividade complexa, combinando aspectos intelectuais, como comunicação e geografia, com esforços visuais para alcançar objetivos de comunicação, tornando o mapa resultante de um produto de design.

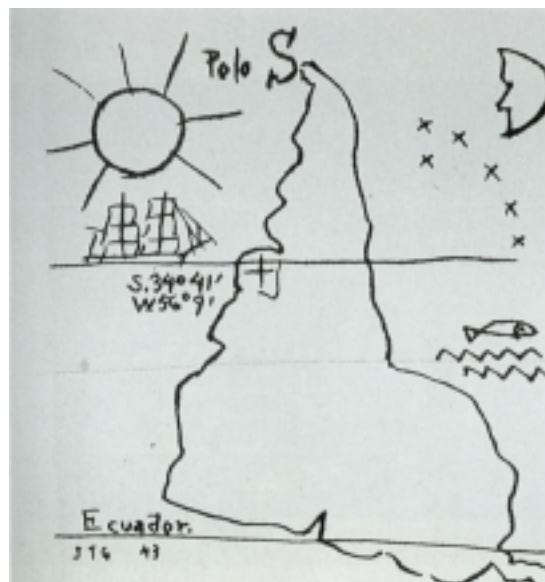
### **3.2 Abordagens não convencionais no design de mapas**

Mapas podem ser narrativas que representam uma maneira de registrar, elucidar, e extrair significado de nossas experiências e espaços de vivência, ajudando a comunicar e compartilhar uma visão de mundo. No campo do Design, a representação visual de informações do espaço desempenha um papel crucial na comunicação eficaz e na compreensão de dados espaciais. No entanto, para além das abordagens tradicionais de design de mapas, é importante pensar em abordagens não convencionais, mostrando outras soluções possíveis. Os seguintes parágrafos apresentam soluções inovadoras que vão além dos métodos tradicionais de representação cartográfica, buscando ampliar as fronteiras do design de mapas e

fornecer uma perspectiva criativa na visualização de dados geográficos, que atendem às necessidades específicas de cada demanda.

A representação “América Invertida” é um mapa desenhado por Torres Garcia, para representar uma perspectiva que inverta a lógica norte cêntrica. O mapa de Garcia possibilitou uma perspectiva de mais autonomia e representatividade para a América Latina através de uma imagem que reverbera até hoje.

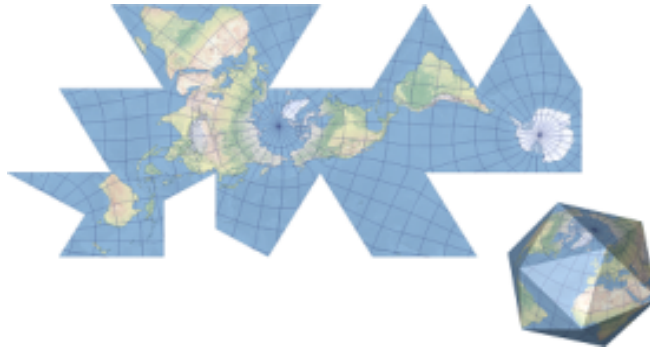
**Figura 7** - América invertida, Joaquín Torres Garcia, 1943



Fonte: site Teoria do Design

Tenho dito Escola do Sul porque, na realidade, nosso Norte é o Sul. Não deve haver norte, para nós, senão por oposição ao nosso Sul. Por isso agora colocamos o mapa ao contrário, e então já temos uma justa ideia de nossa posição, e não como querem no resto do mundo. A ponta da América, desde já, prolongando-se, aponta insistentemente para o Sul, nosso Norte. (TORRES, GARCIA, 1935)

**Figura 8** - Mapa Dymaxion de Buckminster Fuller



**Fonte:** Site Arcmap

O Mapa Dymaxion de Buckminster Fuller é uma nova proposta de design para um mapa-múndi. Nesta versão, não há ênfase em nenhum topo ou lado específico, pois a superfície é representada por um icosaedro, composto por vinte faces triangulares, com o objetivo de proporcionar uma representação global com a totalidade do mundo de forma equilibrada e uma visão mais abrangente e equitativa da Terra.

**Figura 9** – Mapa Ammassalik de madeira com ilhas na costa da Groenlândia (1885)



**Fonte:** Museu e Arquivos Nacionais da Groenlândia. Ilustração cortesia de Mark Garrison, Hakai Magazine. Site Terrain.org

Outra solução singular no contexto do desenvolvimento de mapas é do povo indígena Ammassalik. Com práticas de deslocamento marítimo feito em canoas, os Ammassalik adotaram uma abordagem notável, eles esculpiam o contorno da costa marítima em madeira, permitindo a orientação mesmo nas condições adversas, como no escuro.

**Figura 10** – Mapas Ammassalik de madeira

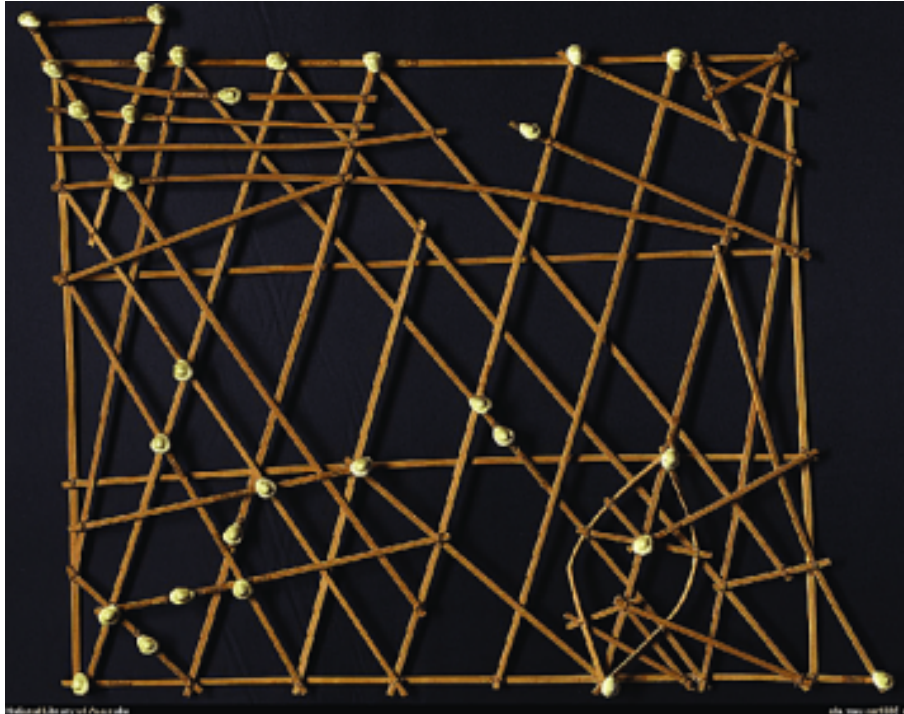


**Fonte:** Museu Nacional e arquivos da Groenlândia. Site Archaeology.org

Os povos indígenas do Ártico são conhecidos por seu design engenhoso. Por muitos anos, os inuítes Ammassalik da costa leste da Groenlândia criaram mapas de madeira das regiões costeiras que não foram criados para serem lidos, mas sentidos. De um tamanho que cabia na mão e feito com material que flutuava, eram ideais para navegar na escuridão do ártico num caiaque. Um design prático e inteligente que mostra como os mapas podem ter formas e funções diferentes. (Pater, 2020)

Outra abordagem importante de se mencionar, é a da comunidade indígena das Ilhas Marshall, conforme destacado por Cardoni e Sampaio (1997) os nativos desenvolveram mapas a partir de tiras de fibra vegetal, com o objetivo de representar o arquipélago e a direção das ondas e correntes, o quadriculado simbolizava o mar, as linhas curvas indicavam como frentes das ondas e as ilhas foram representadas pelas próprias conchas.

**Figura 11** – Carta Marinha das ilhas Marshall

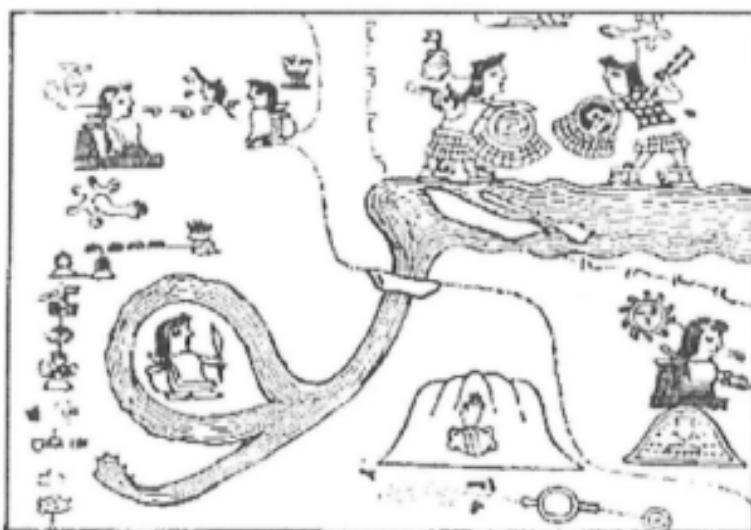


**Fonte:** Museu de Topografia, Instituto Geociência

Um dos mapas mais inusitados já concebidos é este das ilhas de Marshall, um país no meio do pacífico. Os habitantes usam varetas para representar as correntes marítimas e ensiná-las aos navegantes. As conchas pontuam as ilhas. Poucos sabiam criar esse tipo de mapa, e a técnica passava de pai para filhos. Os mapas não eram levados em viagens, mas memorizados de antemão pelo navegador. O que os torna tão singulares é o fato de que os cartógrafos das ilhas de Marshall foram os primeiros a mapear as correntes marítimas. (Pater, 2020)

A representação cartográfica é uma expressão cultural que vai além da descrição geográfica, trazendo elementos ilustrados e simbólicos, o povo Asteca também desenvolveu uma ampla produção cartográfica.

**Figura 12** – Mapa de uma viagem Asteca



**Fonte:** Artigo 'Uma História da Arte de Mapear', (Cardoni; Sampaio, 1997)

Este povo se preocupa em representar os feitos históricos mais do que detalhes do terreno. Esses mapas são muito decorativos. Os desenhos de rios, bosques, campinas e templos são realistas e as figuras desenhadas nas povoações representam o que traduz seus nomes. (Cardoni; Sampaio, 1997).

A partir desses exemplos é possível notar as possibilidades criadas por povos não brancos, que fizeram uso de seus saberes e culturas ancestrais para desenvolverem os registros apresentados, quebrando o paradigma da hegemonia europeia e colonial no desenvolvimento da cartografia.

Outro design emblemático, é o do engenheiro e designer Harry Beck, que em 1931, desempenhou um papel fundamental ao criar o design do mapa do metrô de Londres, um dos maiores e mais famosos sistemas de transporte do mundo. Seu objetivo era proporcionar aos usuários uma compreensão clara e direta das linhas e estações, facilitando as viagens entre as estações, pois o mapa anterior não atendia às necessidades dos usuários devido à sua complexidade. O design de Beck teve uma enorme adesão e se tornou um clássico do design, servindo de base para os mapas de metrô utilizados até os dias de hoje. Essa representação tornou-se uma imagem icônica, sendo comercializada e reinterpretada por diversos artistas e designers, tornando-se um dos cartões postais de Londres.

**Figura 13** - Design do metrô subterrâneo de Londres



**Fonte:** London Transport Museum

### 3.3 Design de mapas no fomento do turismo

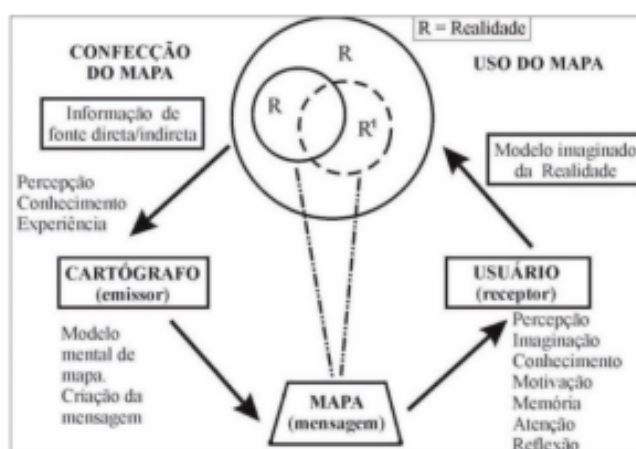
A representação cartográfica e o design de mapas no contexto do turismo tornaram-se essenciais, como defende Fiori (2020), o design desempenha um papel crucial no desenvolvimento de mapas turísticos, dos quais não devem se limitar a serem apenas informativos, e sim serem projetados para dialogar melhor com a experiência do usuário, muitas vezes não familiarizado com a linguagem cartográfica. Ao mesmo tempo em que proporcionam informações essenciais sobre o destino, é importante potencializar o mapa quanto produto gráfico que equilibre aspectos lúdicos com funcionalidade, tornando-se uma peça fundamental na divulgação e fomento da economia local. Compreendendo o impacto do design na produção de mapas turísticos, torna-se fundamental explorar como os elementos visuais são empregados para comunicar informações aos visitantes.

Consequentemente, o produtor de um mapa turístico ilustrado pode se apropriar da matéria prima do lugar retratado - imagens, sons, textos, fatos históricos, paisagens, serviços - para criar um produto que seja informativo, mas que além disso, potencialize a divulgação do lugar. (Fiori, 2020)

O autor também afirma que é comum que a maioria dos mapas destinados à orientação turística adotem uma abordagem ilustrativa, utilizando elementos visuais e artísticos, que guardam semelhança física com os elementos que representam, resultando em representações mais abstratas da realidade, é ressaltado também no texto de Fiore (2020), que o desenvolvimento mapas turísticos é frequentemente conduzida por artistas gráficos, em contraste com geógrafos, uma vez que estes últimos podem enfrentar dificuldades em priorizar o apelo visual. Diante desse cenário, torna-se evidente a capacidade do design de desempenhar um papel de ilustrar, organizar e comunicar, sendo fundamental na resolução de problemas.

Além disso, o autor também explica a transição no desenvolvimento de mapas, que eram frequentemente criados sem considerar o público final, mas para um novo enfoque centrado no usuário, essa mudança influenciada pelos estudos da teoria da comunicação, possibilitou a concepção de mapas mais acessíveis, destinados não apenas a transmitir informações geográficas, mas também a envolver emocionalmente o usuário.

**Figura 14-** Modelo da Teoria da comunicação adaptado para cartografia



**Fonte:** Arte Pictórica e cartografia turística: A eficácia e a ludicidade dos mapas

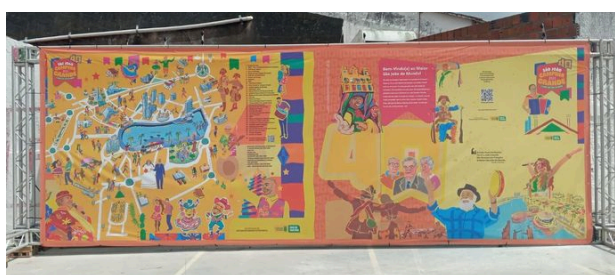
Não há dúvidas de que o turismo é um dos principais motores econômicos do Nordeste, sabendo disso e fim de propor uma melhor experiência aos visitantes, a prefeitura de Campina Grande desenvolveu um mapa turístico para as festividades do mês de Junho, disponibilizado online e no formato de outdoor, localizado estrategicamente em lugar de muitos passantes, com informações sobre os principais pontos turísticos da região, postos de segurança, QR Code, direcionando os visitantes ao site do evento e números de telefones úteis para emergências. Dentro desse contexto, o mapa do São João de Campina Grande se destaca como um notável exemplo que atende aos requisitos mencionados anteriormente.

**Figura 15** – Mapa turístico do São João de Campina Grande



**Fonte:** Prefeitura de Campina Grande

**Figura 16** – outdoor com exposição do mapa turístico do São João de Campina Grande



**Fonte:** Codecom

Ainda baseando-se no texto de Fiori (2020) um mapa pode ampliar-se de sua função primária, desempenhando um papel adicional como ferramenta de marketing ou elemento decorativo. Além disso, um mapa é capaz de evocar uma variedade de sensações e como lembranças, tornando-se um veículo eficaz para promover o turismo e a cultura local, como o mapa do metrô de Londres, citado anteriormente.

#### 4. ANÁLISE DE CONTEXTO

A análise de contexto mais amplo, refere-se ao processo de examinar e comparar entidades, objetos, dados ou elementos com o objetivo de identificar semelhanças e diferenças entre eles. No contexto de mapas, a análise de mapas envolve comparar diferentes mapas que representam a mesma área geográfica ou tema para identificar como eles se assemelham e onde eles diferem, a análise de mapas similares é uma maneira eficaz de entender como diferentes cartógrafos representam o mundo, pode ser útil em vários campos, incluindo geografia, design de mapas, planejamento urbano entre outros. Para análise, foi usado de base o material desenvolvido por Dr. Hans van der Kwast & Jonne Kleijer em parceria com a Unesco-IHE.

**Figura 17**– Elementos de desenvolvimento de mapas

#### Which map elements?



##### Mandatory:

- Title
- Legend
- Scalebar / Graticule
- North arrow

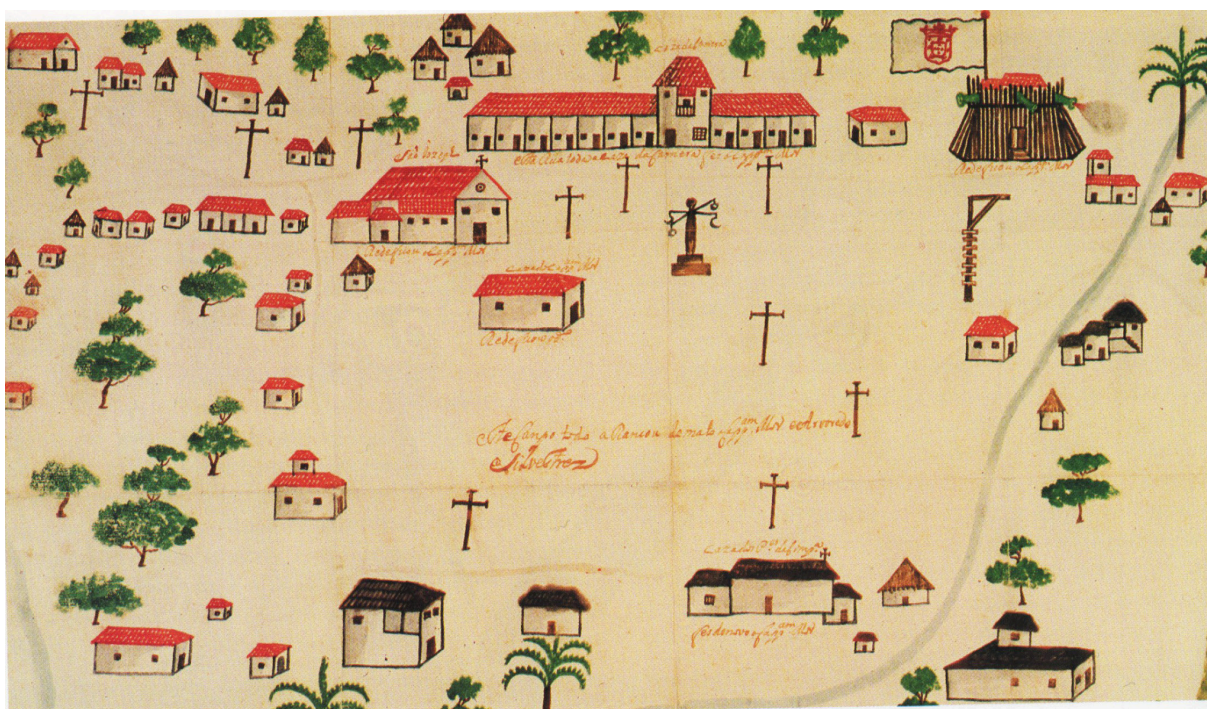
##### Optional:

- Acknowledgments
- Name of the map projection
- Logo
- Grid

**Fonte:** Design de mapa, Dr. Hans van der Kwast & Jonne Kleijer 2015



**Figura 19** - Vila de Nossa Senhora da Assunção (Fortaleza), 1730



**Fonte:** Fortaleza em Fotos, Arquivo Nirez.

O mapa da Vila de Nossa Senhora de Assunção é um mapa diferente do comum, mas apresenta uma grande importância histórica e regional, pois é o primeiro registro da vila que futuramente se tornaria a capital do estado. Através desse mapa entendemos o contexto histórico da época e, com isso, é possível fazer uma comparação com a situação atual da região. O mapa não atende nenhum dos critérios da tabela de Dr. Hans van der Kwast & Jonne Kleijer, mas não perde seu valor histórico e cultural.

**Figura 20** – Mapa "Novus Brasiliae Typus (1604-1612?)"



**Fonte:** Base de Dados BRASILHIS.

Novus Brasiliae Typus é um mapa bastante completo com foco forte na estética mas sem deixar de lado o teor informativo. Escrito em latim, o mapa tem todos os requisitos obrigatórios da tabela de Dr. Hans van der Kwast & Jonne Kleijer. Ele apresenta: Título, legenda, escala, direção e grid.

**Figura 21** – Mapa Afetivo do estado de São Paulo



**Fonte:** Bebel Books. Feira Cartográfica, 2019, no Sesc Pinheiros.

É um mapa bordado, artístico e sem função cartográfica, tendo como objetivo ressaltar a ligação da artista com o estado. O mapa utiliza apenas as siglas dos estados como referencial geográfico, pelo repertório geográfico que se tem, é possível reconhecer as informações do Estado e Capitão de São Paulo e perceber a relação de afeto que a artista tem com o lugar.

**Figura 22** – Mapa mundi National Geographic



**Fonte:** National Geographic

O mapa mundi é um dos mais conhecidos mundialmente, sendo reproduzido de várias formas com diferentes finalidades, e tem como objetivo retratar toda a geografia do globo terrestre com precisão geográfica. Por ser assim, o mapa mundi apresenta todas as características da tabela de Dr. Hans van der Kwast & Jonne Kleijer.

## 5. CARTOGRAFIA SOCIAL E AFETIVA

A Cartografia Social e a Cartografia afetiva surgem como abordagens para entender realidades socioespaciais, mas diferentemente dos mapas temáticos citados anteriormente, esses artefatos concentram-se na representação do espaço vivenciado pelos sujeitos, refletindo suas experiências, emoções, relações e recordações relacionadas a um território. Segundo, Silva, Monteiro e Junior (2023) A cartografia social emerge como uma metodologia para compreender a realidade socioespacial dos indivíduos, não se preocupando com o espaço euclidiano e matemático, mas sim com a representação do espaço vivido dos sujeitos, expressando suas vivências, dores, amores, esperanças e memórias sobre um determinado território.

É notável o crescente envolvimento das pessoas na linguagem dos mapas em diversas esferas populares com o objetivo de expressar suas próprias narrativas e definir os contornos de seus territórios e usos. Acselrad (2013), aponta que grupos marginalizados utilizam essas cartografias para questionar o sistema econômico dominante. O alcance e a natureza dessas práticas cartográficas dependem do contexto, dos objetivos e das aplicações específicas, com reflexões epistemológicas, onde grupos sociais reivindicam suas próprias concepções do território, utilizando técnicas cartográficas em suas ações políticas. A legitimação da informação cartográfica desempenha um papel importante nas ações políticas das comunidades, proporcionando visibilidade, conhecimento, reivindicação e diálogo, onde mapas não são apenas representações, mas também ferramentas que podem ser usadas desde autonomia da produção da informação e até como guia para um desenvolvimento sustentável.

Cada indivíduo tece relações com as pessoas e os lugares à sua volta, e tomar conhecimento dessa gama de subjetividades requer uma abordagem interdisciplinar do assunto, já que tão variada quanto a mente são também os lugares e a maneira como se reage a eles. (SILVA, S. H. G.; BOMFIM, Z. A. C.; COSTA, O. J. L. 2019)

## 6. Entre mapas e películas

No cinema do pernambucano Kleber Mendonça Filho, questões sobre o território são postas em evidência o tempo todo com reflexões sobre a vida nas cidades, como em *O Som ao Redor* e *Aquarius*. São abordadas questões como a dinâmica dos condomínios fechados e a especulação imobiliária em Recife, mas que se repetem no Brasil todo. Suas obras são reconhecidas por retratar, processos urbanos e experiências urbanas em contextos variados do Brasil.

Na filmografia de Kleber, é constante o uso de mapas, que desempenham um papel narrativo crucial, se fazendo presentes como artefatos de afirmação. Em "Bacurau", a história de uma comunidade em luta por sua existência e espaço no mapa de maneira simbólica e literal, num momento, são removidos do mapa digital, levando os alunos da escola local a procurarem o lugar excluído. Nessa cena, desenrola-se numa sala de aula, que ao terem dificuldade de localizar-se, as crianças curiosas começam a indagar sobre a ausência do território no mapa digital e a localização de Bacurau. O professor, empenhado em sanar as dúvidas, afirma que Bacurau deve estar no mapa. Enquanto procuram, uma criança pergunta sobre onde está a casa de sua avó no mapa e outra criança pergunta se é necessário pagar para entrar no mapa. Após procurar sem sucesso, o professor mostra o mapa ilustrado em papel e esclarece que Bacurau sempre esteve naquele mapa e enfatiza a cidade em relevância e termos de território.

**Figura 23** – Cena do filme Bacurau



**Fonte:** Frame do filme Bacurau (2019)

Nessa cena, é possível fazer um paralelo com várias elaborações descritas por Zumira Bomfim, pois a importância de se ver no mapa transcende a representação geográfica. Em uma perspectiva de cartografia social, a visualização no mapa estabelece uma conexão profunda entre o indivíduo e o território que ocupa. Essa relação não é apenas espacial, mas também emocional e identitária. Ao se enxergar no mapa, é encontrada uma expressão tangível de pertencimento, uma manifestação visual de sua presença e influência no espaço urbano. Essa dinâmica não apenas valida a existência no contexto geográfico, mas também resgata memórias, histórias e experiências individuais, enriquecendo a compreensão da própria identidade em relação ao entorno. O ato de se ver no mapa, portanto, torna-se um meio poderoso de reafirmar a presença e a importância pessoal dentro do contexto social e territorial.

Segundo (Bonfim, 2018) se ver no mapa é uma relação de pertencimento com extrema importância e vinculação afetiva. O lugar como território emocional tem relação direta com o indivíduo, sendo importante na construção emocional, cognitiva e afetiva, responsável diretamente pela construção de uma identidade. A autora cita as ideias de Proshansky, Fabian e Kaminoff (1983) para explicar o conceito de identidade de lugar, que não é apenas uma simples identificação, e sim à vinculação afetiva e transformadora na relação com o ambiente, sendo o ambiente também um lugar de impacto emocional, tornando-se um território onde sentimentos e experiências acontecem e atribuem significado ao espaço ao seu redor, considerando tanto aspectos físicos quanto emocionais.

**Figura 24** – Mapa da cidade de Bacurau



**Fonte:** frame do filme Bacurau (2019)

Bomfim (2003) acrescenta que a afetividade revela como os indivíduos agem e se posicionam no espaço, além de obter conhecimento sobre o ambiente. Ela é também a via pela qual o sujeito identifica-se com o ambiente, de onde derivam os laços afetivos que as pessoas criam com os lugares, necessitando estarem próximas a ele, à medida que esses lugares apresentam recursos físicos, biológicos, emocionais, etc., que suprem suas necessidades.

**Figura 25** – carta aos espectadores do filme ‘Retratos Fantasmas



Um mapa do tamanho de um cinema



Os cinemas do Recife são mais do que lugares. São fragmentos de memória, janelas para universos que se conjugam com a realidade do centro, seu esplendor e sua decadência.

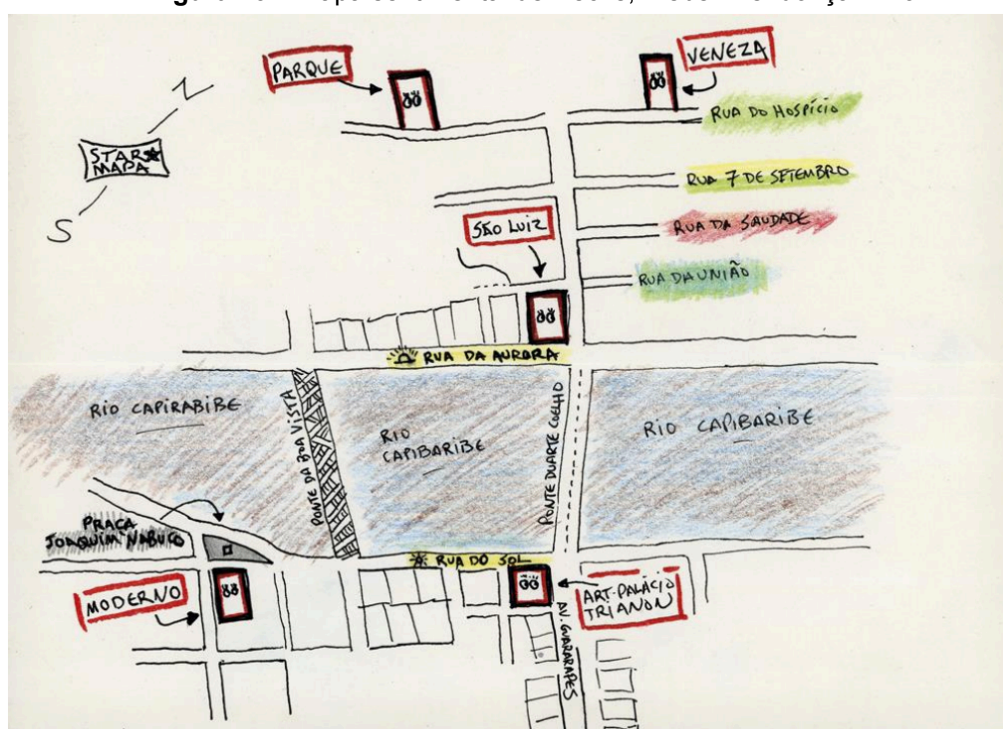
Em **RETRATOS FANTASMAS**, Kleber Mendonça Filho desenha um mapa que a gente não encontra no Google Maps. No Recife de Kleber, as ruas do centro são coloridas, os cinemas se encaram e o rio Capibaribe desagua no infinito. É um mapa sentimental.

Uma cartógrafa sentimental não se preocupa com a representação fidedigna dos espaços. Ela não constrói mapas para se localizar no mundo real, mas para transportar outras pessoas para uma **geografia íntima**.

**Fonte:** Site Vitrine Filmes

Outro momento marcante na produção cinematográfica de Kleber Mendonça e que influenciou diretamente esse trabalho, acontece no longa-metragem “Retratos Fantasmas”, onde cineasta apresenta seu mapa afetivo do centro do Recife, que percorre os locais que marcaram sua vida e registra de forma documental sua vivência na cidade, marcada por cinemas de rua, propondo um diálogo sobre o enfraquecimento da memória coletiva do Recife, evidenciando uma luta pelo direito à cidade e espaços coletivos de construção memorialística. Desempenhando sua função artística de instigar debates e reflexões, após a exibição, muitos dos espectadores se sentiram inspirados a criar seus próprios mapas e compartilhá-los nas redes sociais.

Figura 26 – Mapa sentimental de Recife, Kleber Mendonça Filho.



Fonte: Divulgação Vitrine Filmes.



Diante disso, é possível perceber a cartografia Social e a cartografia afetiva como ferramenta única para compreender as subjetividades da realidade socioespacial de cada indivíduo, essa representação subjetiva e emocional do espaço vivido, os mapas materializam lembranças criados pelos próprios indivíduos, expressando vivências, relações e memórias, proporcionando visibilidade e evitando que espaços de vivência caiam no esquecimento. Além disso, a relação emocional com o território, destacada por diversos autores, revela a importância da afetividade na construção de identidade e na conexão com o ambiente. Em resumo, a cartografia vai além da representação gráfica, tornando-se uma ferramenta política e emocional, dando voz às comunidades e enriquecendo nossa compreensão do espaço, configurando-se como uma ferramenta acessível, porém com profundo significado.

## **7. Caminhar, desenhar e mapear**

Os mapas são cada vez mais entendidos como interpretações de um ponto de vista a respeito de um território e não uma representação realista de um segmento de terra. Segundo (SETTON, 2021) mapas são seleções de informações sob a ótica de quem os desenha, um reflexo de sua época, um discurso interpretativo sobre o território e não obrigatoriamente uma representação realista de uma região.

Diante disso, os mapas estão sendo cada vez mais reconhecidos como artefatos de expressões subjetivas e simbólicas sobre um território, ao invés de meras representações realistas de um espaço geográfico. Segundo Bonfim (2011) o método da construção do mapa afetivo busca encontrar expressão poética através das imagens que a cidade faz, possibilitando conhecer a subjetividade dos indivíduos através de suas histórias, memórias e do ir e vir.

Para Bonfim (2011) compreender os afetos é também entender a vivência na cidade e seus impactos éticos, sejam eles positivos ou negativos, que têm uma relação direta com essa experiência urbana, pois essa relação gera significados, qualidades, emoções e sentimentos.

No âmbito da subjetividade, encontram-se mapas criados por artistas que abordam conceitos e territórios de uma maneira social e afetiva. Nesses mapas é possível notar aspectos poéticos, políticos, visuais, metafóricos, pictóricos e simbólicos, onde os artistas compartilham sua visão sobre a vivência na cidade, onde é apresentada uma visão que junta o espaço geográfico, a arte, o sensível e o simbólico, criando um paralelo com o cultural e o social.

Os mapas são seleções de informações sob a ótica de quem os desenha, um reflexo de sua época, um discurso interpretativo sobre o território e não obrigatoriamente uma representação realista de uma região (SETTON)

Na obra intitulada "É o mundo, 2023", criação do artista carioca Caio Luiz, fotografada durante uma das sessões de pesquisa de campo e exposta no Museu de Arte do Rio de Janeiro, é possível notar os elementos citados anteriormente, pois a pintura retrata a experiência do artista como um indivíduo periférico numa das maiores capitais do Brasil. Nesta obra, Caio Luiz sintetiza suas vivências pessoais e sua relação com o contexto urbano.

**Figura 29** - Obra é o mundo, do artista Caio Luiz, 2023



Fonte: Acervo da autora

Embora seja uma obra artística sem a intenção de retratar a realidade de forma literal, é possível, pelo contexto geral, interpretar que a pintura representa a cidade do Rio de Janeiro, com ênfase nas regiões marginalizadas. A obra ilustra a geografia dos bailes funks na cidade, onde cada tenda simboliza um baile. Além disso, a pintura inclui um ícone de localização, comumente usado em mapas para marcar um ponto, esse ícone apresenta o logotipo do Museu de Arte do Rio, fornecendo um referencial geográfico de onde a obra está sendo exibida.

**Figura 30** - Obra é o mundo, do artista Caio Luiz, 2023

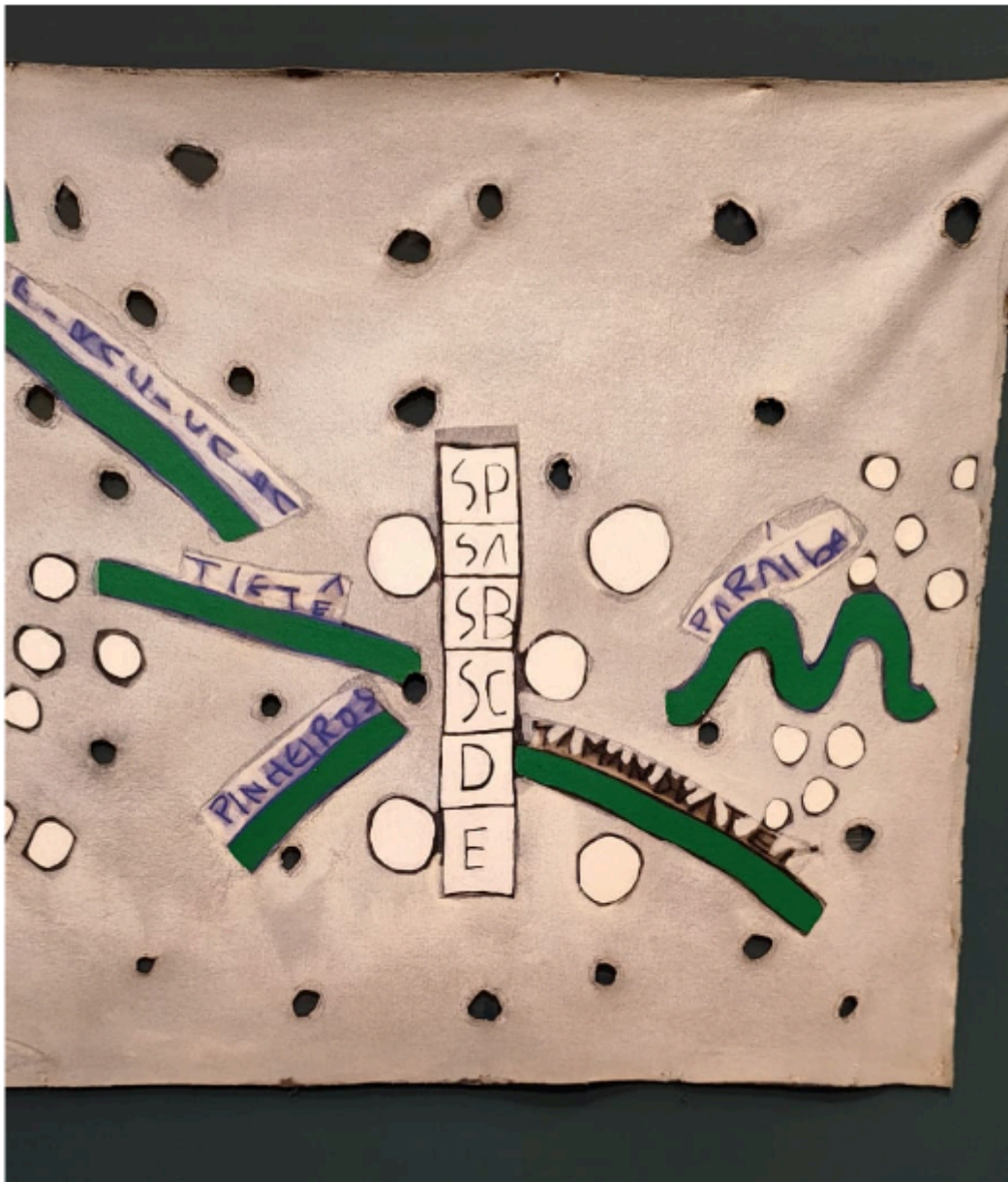


Fonte: Acervo da autora

O uso que os artistas contemporâneos fazem dos mapas revela muito sobre a relação com os territórios em que vivem e, de um ponto de vista mais amplo, sobre a relação de cada cultura com o entorno de onde surge. (CRIVELLI, 2013, p. 74)

Outro artista que explora e as referências ao seu território é o cearense Leonilson, dessa vez de forma mais abstrata, o artista retrata de forma sensível os lugares em que passou, retratando nessas obras uma busca de pertencimento com os lugares que passava e habitavam, numa espécie de geografias afetivas, com bastante significado.

**Figura 31** - Obra Leonilson na Pinacoteca do Ceará



**Fonte:** Acervo autora

Pedrosa (2014, como citado em Mattos & Ribeiro, [2021]) menciona que Leonilson tinha fascinação por mapas e paisagens, em suas viagens, o desenho era seu meio predileto, não apenas pelo caráter imediato, mas também por sua portabilidade, frequentemente indicando abreviações das cidades no canto superior da folha, como BRU, AMS, NYC, SP, MIL, RIO. Contudo, o artista não cartografava apenas a geografia das cidades ou rios, mas também seus sentimentos, como desejo, dor e solidão, como evidenciado em seus diários.

**Figura 32** - Obra 'Todos os rios levam a sua boca'



**Fonte:** Arte brasileira UTFPR

Na obra *Todos os rios levam a sua boca*, são representados diversos rios, como o Turvo, Pardo, Paraná, Piracicaba, Rio Grande, Tietê, Paranapiacaba, Jaú, Itú e Diana. A obra inclui elementos textuais, como as frases "fala manso, olhar fundo". Os desenhos estabelecem uma relação entre a geografia dos rios e o corpo humano, sugerindo que tudo "deságua" na boca, no coração e também em um lago azul chamado "desejo".

A necessidade de viajar desencadeou não só uma série de CEPs habitados pelo artista, entre Madri, Milão, Fortaleza, Manaus, São Paulo etc, mas também em relatos, desenhos e pinturas que construíram diários de bordo das paisagens exteriores e interiores, que passam por cidades dentro de seus ventrículos e voltam aos afluentes de rios que carregam sua língua, sua fala, seus amores. Misturam-se, assim, as confluências do que foi visto em bilhetes de trem, registros metódicos acerca de suas obras, ao que se passa por dentro do seu corpo: imaginários são tecidos dentro da cartografia dos afetos. (Mattos, M. B., & Ribeiro, G. S. (2021)

Esses artistas apresentados demonstram como os mapas podem não ser apenas representação geográfica, mas sim artefatos onde são revelados aspectos profundos da experiência pessoal e coletiva, criando uma cartografia social e afetiva que reflete a complexidade de sua vivência. Esses exemplos ilustram como a arte pode transformar mapas em narrativas subjetivas, oferecendo uma nova dimensão de entendimento sobre a relação entre território e identidade. Alinhando-se ao conceito de mapas afetivos de Bonfim (2021), que vê o afeto como um agregador de significados, essas obras buscam expressar poeticamente as imagens que a cidade proporciona, possibilitando a compreensão da subjetividade dos indivíduos por meio de suas histórias e memórias. Assim, no campo da representação social da cidade, os aspectos sociais e geográficos dialogam constantemente.

**Figura 33** - Obra 'ele me falou sobre o rio e seus afluentes'



**Fonte:** Arte que acontece

## 8. Diários

Diários gráficos são artefatos de registro visual e textual comumente usados por designers, arquitetos e artistas, criando um espaço seguro para experimentação, documentar observações, pensamentos e reflexões de maneira não linear. Eles combinam elementos gráficos e escritos para capturar e explorar aspectos qualitativos e contextuais de uma ideia ou objeto.

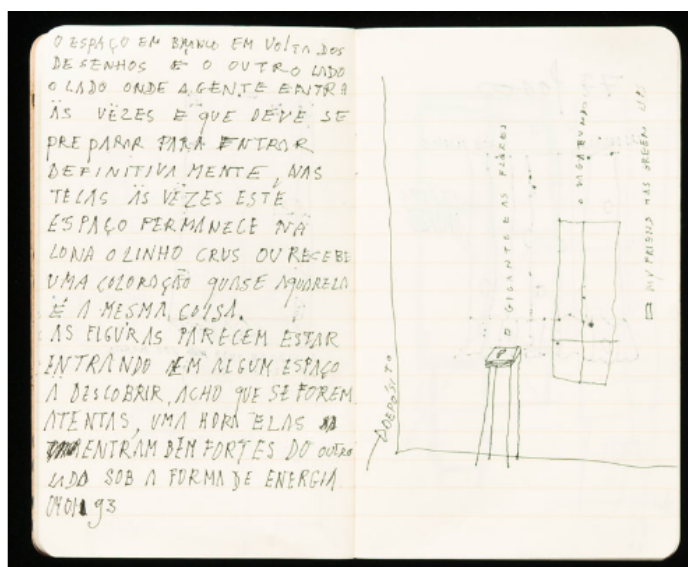
O diário gráfico é um artefato que guarda profunda relação com o estímulo criativo e a geração de ideias, o diário gráfico. Trata-se de um caderno, mais comumente, de folhas sem pauta, de tom branco, ou claro, com possibilidades infinitas de uso. A simplicidade do objeto, que não inclui qualquer manual de instruções indicando ao seu utente um modo mais correto para ser usado, permite que cada um formule seus próprios métodos de aproveitamento e desfrute. Este espírito de multiplicidade se expressa desde sua nomenclatura.” Essa facilidade permite a prática do registro no dia a dia, criando uma relação de proximidade entre o designer e o diário gráfico. (CELA, 2020)

O diário gráfico também se faz importante em diversos contextos, na antropologia, a pesquisadora Karina KUSCHNIR, (2018) reforça o diário gráfico como importante meio de contribuição para a pesquisa antropológica, sendo usado como ferramenta de pesquisas de campo, pela sua forma de fazer registros e pesquisas visuais, pois tanto o desenho quando a antropologia são formas de ver e conhecer o mundo.

O registro visual do desenho não é apenas uma documentação gráfica, mas também uma maneira de fazer pesquisa e obter conhecimento (Kuschnir, 2011, 2012, 2014)

Diante disso, é possível notar que os diários gráficos são artefatos valiosos para uma abordagem de registro e a exploração de ideias, para complementar e enriquecer o processo criativo e investigativo.

**Figura 34 - Diário gráfico Leonilson**



**Fonte:** Daniela Name, arquivos de Leonilson

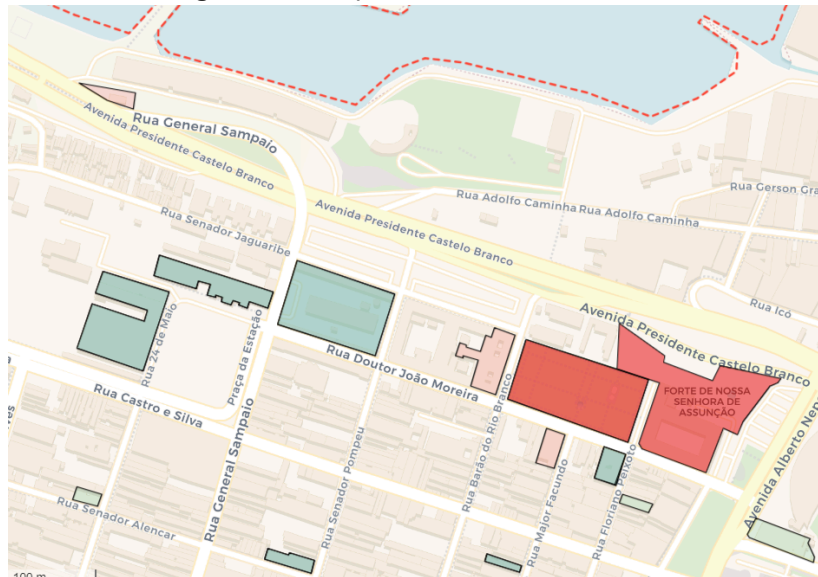
## 9. MEMORIAL DESCRITIVO

Neste capítulo, são apresentados os resultados e as diretrizes projetuais fundamentadas nas orientações estabelecidas a partir das pesquisas e análises das etapas anteriores. Explorando o processo de concepção do mapa afetivo, bem como as escolhas projetuais relacionadas a ilustrações, fotografias, cores e tipografia. Diante disso, utilizo a escrita em primeira pessoa para descrever o processo criativo e a linguagem do mapa afetivo, considerando o caráter pessoal e criativo desta pesquisa.

### 9.1 Ponto de partida

O centro foi escolhido como local de mapeamento por ser um espaço repleto de memórias e afetos pessoais. Durante a infância, o local foi visitado por mim com um olhar atento e curioso, e, na fase adulta, passou a ser visto através da perspectiva do design. Com isso, delimitei uma área de maior significado afetivo, dando mais destaque à Rua Doutor João Moreira, especialmente em razão do ponto de ônibus, que sempre me proporcionou tempo para observar o entorno e criar muitas memórias da paisagem do centro. Esse percurso, frequentado desde a infância, continua a ser revisitado em minhas idas atuais ao centro e constituiu um fator decisivo no desenvolvimento desta pesquisa.

**Figura 35 – Mapa do Centro de Fortaleza**



**Fonte:** Fortaleza em mapas

## 9.2 Conceituação

Este mapa oferece um retrato pessoal e afetivo do centro de Fortaleza, com foco na minha experiência como fortalezense e frequentadora do local, sem a intenção de ser um mapa preciso, uma vez que já existem muitos desse tipo. Em vez disso, ele reflete gostos pessoais, elementos do meu cotidiano e minhas impressões do centro, adquiridas através da minha vivência e personalidade. O mapa inclui texturas, ruídos, rabiscos, colagens e manualidades, além do contraste entre o novo e o antigo, mesclando edifícios históricos, culturais e turísticos com o moderno e o tradicional. O resultado é um caos organizado, visualmente agradável, onde tudo acontece simultaneamente, representando minha perspectiva do centro. Outros frequentadores do espaço podem encontrar "easter eggs", como os presentes no livro "Onde Está Wally?", com suas ilustrações densas e confusas, que convidam o observador a explorar com atenção.

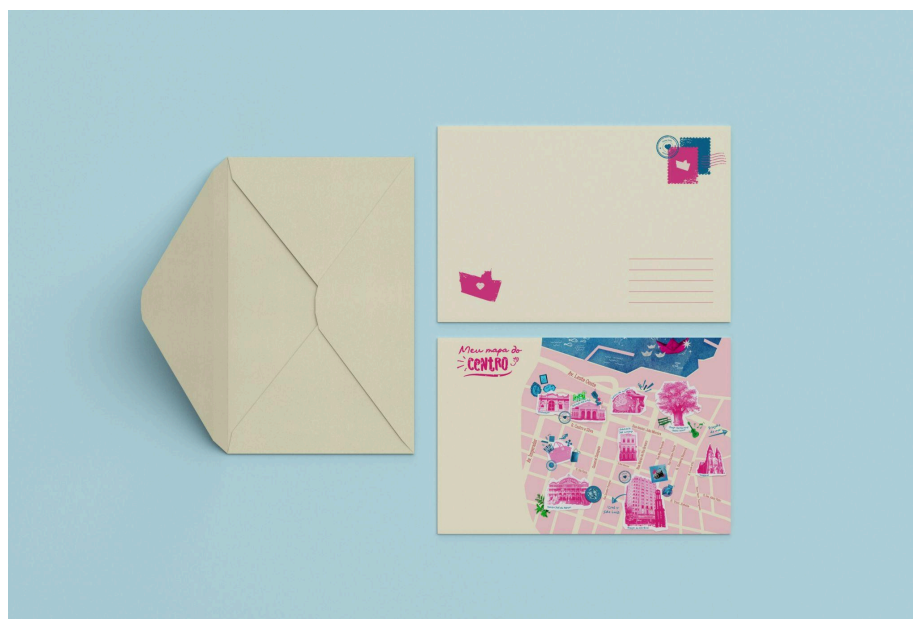
Além disso, o cartão-postal evoca uma nostalgia associada a artefatos manuais, como cartas e impressos mais artesanais, revisitando a estética do escrito à mão. Ademais, o termo é amplamente utilizado como sinônimo de paisagem urbana e

território, referindo-se a construções, edificações ou símbolos que representam cidades ou países. Portanto, foi desenvolvido um mapa com formato de cartão postal, a fim de unir esses artefatos tão importantes.

### 9.3 Resultados

Figura 36 a 41 - Protótipos finais





Fonte: Acervo da autora

## **10. CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

Com base nas discussões e objetivos pré estabelecidos anteriores, a pesquisa se aprofundou na compreensão da cartografia por meio de sua interseção com o design, revelando as camadas de significado presentes nos mapas. Estes foram envolvidos não apenas como representações espaciais, mas como ferramentas analíticas capazes de resgatar e valorizar o território por meio de representações visuais. Diante disso, percebe-se que o design pode se conectar a diversos campos do conhecimento, possibilitando abordagens sensíveis a questões sociais e culturais. Assim, o design atua como uma voz ativa na defesa do direito à memória e ao espaço.

Neste trabalho, ele oferece uma perspectiva criativa e afetiva na visualização do território. Durante esse processo, as pesquisas de campo permitiram o contato direto com o ambiente e as pessoas, o que proporcionou uma valiosa imersão. Além disso, a exploração do centro da cidade foi fundamental para uma experiência mais enriquecedora, pois essa abordagem prática ampliou a compreensão do objeto de estudo. Não se restringir apenas ao ambiente virtual resultou em maior satisfação com o desenvolvimento do trabalho, e a realização de atividades diversificadas deixaram o processo de design mais fluido, tornando o processo investigativo mais dinâmico e menos exaustivo.

A oficina também gerou insights e trocas significativas entre os participantes, contribuindo para uma interpretação e valorização mais profunda do território. Pessoas de diferentes bairros puderam conhecer melhor os espaços de vivência ao explorar as perspectivas de moradores de outras regiões sobre esses lugares.

## 11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACSELRAD, Henri. **Cartografias sociais e território**. 2018.

ANDERSON, Jacqueline M. THE INTERNATIONAL CARTOGRAPHIC ASSOCIATION-A HISTORY OF THE CARTOGRAPHY AND CHILDREN COMMISSION, 1995-2002.

Bebel Books. MAPA AFETIVO DO ESTADO DE SP, por Tereza Vale a Pena. In: bebelbooks.com.br. Disponível em: <https://www.bebelbooks.com.br/pd-65851d-mapa-afetivo-do-estado-de-sp-por-tereza-vale-a-pena.html>. Acesso em: 18 de novembro de 2023.

BRASILHIS. NOVUS BRASILIAE TYPUS (1604-1612?). In: brasilhis.usal.es. Disponível em: <https://brasilhis.usal.es/pt-br/node/9659>. Acesso em: 18 de novembro de 2023.

BOITEMPO. Chave de lágrimas: um textão sobre “Retratos Fantasmas”, memória coletiva e direito à cidade. In: blogdaboitempo.com.br. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2023/09/22/chave-de-lagrimas-um-textao-sobre-retrat-os-fantasmas-memoria-coletiva-e-direito-a-cidade/>. Acesso em: 18 de novembro de 2023.

BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. **Cidade e afetividade: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e São Paulo**. Edições Ufc, 2010.

BOMFIM, Z. A. C. et al. Estima de lugar e indicadores afetivos: aportes da psicologia ambiental e social para a compreensão da vulnerabilidade social juvenil em Fortaleza. **Colaço VFR, Cordeiro ACF. Adolescência e juventude: conhecer para proteger. São Paulo: Casa do Psicólogo**, p. 317-41, 2013.

CARDONI, Linda Soraya Issmael; GARLO, Antonio; SAMPAIO, Freire. Uma História da Arte de Ma, p, ear. **A sala de aula. dos líderes brasileiros.**, p. 51.

DENIL, Mark. Making Explicit What has Been Implicit: A Call for a Conceptual Theory of Cartography. **Cartographic Perspectives**, n. 98, p. 5–27–5–27, 2022.

DENT, Borden D.; TORGUSON, Jeffrey S.; HODLER THOMAS, W. **Cartography: thematic map design** McGraw-Hill. 1999.

DODGE, Martin; KITCHIN, Rob; PERKINS, Chris (Ed.). **The map reader: theories of mapping practice and cartographic representation**. John Wiley & Sons, 2011.

ECO, Umberto. **The book of legendary lands**. 2. ed. Londres: MacLehose Press, 2013.

FIORI, Sérgio Ricardo. Arte pictórica e Cartografia Turística: a eficácia e a ludicidade dos mapas de orientação para o visitante. **Revista Geografia Literatura e Arte**, v. 2, n. 1, p. 51-76, 2020.  
GARCÍA, J. Torres. América invertida. 1943.

GARRISON, Mark. Arctic Wayfinders: Inuit Mental and Physical Maps. In: terrain.org. Disponível em: <https://www.terrain.org/2019/nonfiction/arctic-wayfinders/>. Acesso em: 17 de novembro de 2023.

GRAY, Robert W. Fuller's Dymaxion™ map. **Cartography and Geographic Information Systems**, v. 21, n. 4, p. 243-246, 1994.

IPARAIBA. Mapa turístico facilita a experiência dos visitantes n'O Maior São João do Mundo. In: iparaiba.com.br. Disponível em: <https://iparaiba.com.br/index.php/2023/06/06/mapa-turistico-facilita-a-experiencia-do-s-visitantes-no-maior-sao-joao-do-mundo/>. Acesso em: 18 de novembro de 2023.

LIMA, Lucas Pereira das Neves Souza; JÚNIOR, Dante Flávio da Costa Reis. Mapas Sociais: gênese e aplicação na Amazônia brasileira. **Revista Geográfica de América Central**, v. 2, p. 1-15, 2011.

LONDON TRANSPORT MUSEUM. Transforming the Tube map: Harry Beck's iconic design. In: ltmuseum.co.uk. Disponível em: <https://www.ltmuseum.co.uk/collections/stories/design/transforming-tube-map-harry-becks-iconic-design>. Acesso em: 17 de novembro de 2023.

MAFFESOLI, Michel. A terra fértil do cotidiano. **Revista Famecos**, v. 15, n. 36, p. 05-09, 2008.

MAP DESIGN. Map design in GIS. In: pt.slideshare.net. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/jvdkwast/map-design-in-gis>. Acesso em: 18 de novembro de 2023.

MAPA TURÍSTICO DO SÃO JOÃO DE CAMPINA GRANDE. SÃO JOÃO DE CAMPINA GRANDE 23. In: campinagrande.pb.gov.br. Disponível em: <https://campinagrande.pb.gov.br/wp-content/uploads/2023/06/SAO-JOAO-DE-CAMPI-NA-GRANDE-23-MIKELITON-CRV.pdf>. Acesso em: 18 de novembro de 2023.

MENDES, Amélia; SANTOS, Charlene; SANTIAGO, Pietro. Preservação do acervo histórico da oficina guaianases de gravuras. **MAIA**, p. 39, 2003.

MENEGUETTE, Arlete Aparecida Correia. Cartografia no século 21: revisitando conceitos e definições. **Geografia e Pesquisa**, v. 6, n. 1, 2012.

MUSEU DE TOPOGRAFIA, INSTITUTO GEOCIÊNCIA. MAPA DAS

ILHAS MARSHALL. In: igeo.ufrgs.br. Disponível em: <https://igeo.ufrgs.br/museudetopografia/index.php/mapas/234-mapa-das-ilhas-marshall>. Acesso em: 17 de novembro de 2023.

MUSEU NACIONAL E ARQUIVOS DA GROELÂNDIA. Wooden Inuit Maps. In: archeolgy.org. Disponível em: <https://www.archaeology.org/issues/337-1905/features/7550-maps-greenland-wooden-inuit-maps>. Acesso em: 17 de novembro de 2023.

National Geographic. The World. In: wallhaven.cc. Disponível em: <https://wallhaven.cc/w/j5jgrw>. Acesso em: 18 de novembro de 2023.

OLIVEIRA, Vladimir Santos. Cartografias: da arte de fazer mapas aos mapas na arte. **Cultura Visual**, p. 97-108, 2012.

PATER, Ruben. **Políticas do Design: um guia (não tão) global de comunicação visual**. Ubu Editora, 2020.

PAZMINO, Ana Verónica. Uma reflexão sobre design social, eco design e design sustentável. **Simpósio Brasileiro de Design Sustentável**, v. 1, p. 1-4, 2007.

Pinterest. Illustration map Haarlem by Floor Rieder. In: pinterest.pt. Disponível em: <https://www.pinterest.pt/pin/64528207149495517/>. Acesso em: 18 de novembro de 2023.

SCLIAR, Moacyr. **Guerra no Bom Fim**. L&PM Editores, 2004.

SECRETARIA DE TURISMO DE BRASÍLIA. Cidade Criativa do Design – Mapa. In: turismo.df.gov.br. Disponível em: <https://www.turismo.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2018/06/Brasilia-Cidade-Criativa-do-Design-2.pdf>. Acesso em: 18 de novembro de 2023.

TWITTER. Fiz meu mapa sentimental de BH pois ainda estou obcecada por retratos fantasmas @kmendoncafilho In: twitter.com. Disponível em: <https://twitter.com/dudabrits/status/1708231716576301533>. Acesso em: 18 de novembro de 2023.

TEORIA DO DESIGN. América Invertida: o mapa de ponta-cabeça. In: teoriadodesign.com. Disponível em: <https://teoriadodesign.com/america-invertida-o-mapa-de-ponta-cabeça/>. Acesso em: 18 de novembro de 2023.

Wikipedia. Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção. In: pt.wikipedia.org. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Fortaleza\\_de\\_Nossa\\_Senhora\\_da\\_Assun%C3%A7%C3%A3o](https://pt.wikipedia.org/wiki/Fortaleza_de_Nossa_Senhora_da_Assun%C3%A7%C3%A3o)

[%C3 %A3o#/media/Ficheiro:Mapa\\_de\\_Fortaleza\\_em\\_1726.jpg](#). Acesso em: 18 de novembro de 2023.

**ARTE BRASILEIRA UTFPR.** Leonilson: *Todos os rios levam à sua boca* (1989). In: artebrasileirautfpr.wordpress.com. Disponível em: <https://artebrasileirautfpr.wordpress.com/2011/07/01/como-vao-voces/leonilson-todos-os-rios-levam-a-sua-boca-1989/>. Acesso em: 22 set. 2024.

**ARTE QUE ACONTECE.** Leonilson. In: artequeacontece.com.br. Disponível em: <https://artequeacontece.com.br/?s=leonilson>. Acesso em: 22 set. 2024.

**DANINAME.** *Os arquivos de Leonilson*. In: daniname.wordpress.com. Disponível em: <https://daniname.wordpress.com/2011/05/26/os-arquivos-de-leonilson/>. Acesso em: 22 set. 2024.

**MAPAS FORTALEZA.** In: mapas.fortaleza.ce.gov.br. Disponível em: <https://mapas.fortaleza.ce.gov.br/>. Acesso em: 29 out. 2024.